

No. 5.12550

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 98

O assassinato no mar alto e a reparação

Col. 1

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918

1911

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY



1911

O assassinato no mar alto e a reparação

Não admite duvida que o que a Alemanha mais teme depois da guerra é o que, á falta doutro termo mais apropriado, chamaremos vingança economica pelos seus muitos crimes tanto no mar como em todas as partes. Comprehendem-se as aspirações daqueles que esperam descobrir depois da guerra um mundo novo e mais feliz, um mundo onde estará apagado o rancor suscitado por actos consumados, onde se estreitarão os laços de fraternidade entre as nações. Porém, sendo o que é a natureza humana, é provavelmente vã essa aspiração. Os seus actos diarios, actos, se pode dizer, de todos os momentos, estão alienando com o seu desprezo pelas vidas e pela caridade, as simpatias das nações neutrais até as mais bem dispostas. São em numero diminuto relativamente os que seguem a vida do mar; porém os maritimos teem pais, mulheres, filhos e outros parentes que compartilham até certo ponto os seus sofrimentos e que se não esquecerão; esses vão comprehendendo que teem na sua mão modo de se vingar depois da guerra se assim lhes aprouver.

Um navio mercante armado poderá ser presa legitima do submarino; o maritimo não se queixa em geral do facto de ser torpedeado — é o azar da guerra, eie assim o reconhece. Porém

o que o desespera é o resto: a tortura e o assassinio de individuos que não se podem defender. Pondo de parte qualquer outra consideração, não tem razão de ser pelo lado de vantagem militar; portanto só se pode classificar de vil assassinio. Vejamos o seguinte episodio, ponderemo-lo e ajuizemos em seguida se é de esperar que os que se inteirarem dos factos possam deixar de sentir um odio profundo, duradouro, para com aqueles que se tornaram responsaveis de tais factos.

«Um dos tripulantes dum submarino alemão assassinou a sangue frio o patrão dum barco de pesca belga que jazia ferido a bordo do seu navio a vinte milhas da costa de Inglaterra. Este barco, o *Edouard Marie*, tripulado por quatro homens, foi atacado por um submarino que a tiro de canhão lhe levou o mastro, os mastareus e as velas e feriu o patrão. Os outros tres homens arreararam a chata, porém o patrão, que estava muito ferido, recusou-se a sair do seu barco. O comandante do submarino obrigou os pescadores a conduzir no seu bote dois alemães a bordo do navio de pesca afin de o afundar por meio de explosivos. Na presença dos pescadores, um dos quais era o filho do patrão, um dos alemães sacou do revolver e matou o ferido com um tiro na cabeça. Tendo colocado as bombas, os alemães obrigaram os pescadores a levá-los ao submarino e em seguida abandonaram num mar agitado, a chata e os seus tripulantes, sem comida nem agua, a vinte milhas de terra,

Eis a simples narrativa extraída dum jornal e cuja veracidade é garantida oficialmente. Ora, perguntamos, da narração dum acto de tão requintada crueldade, poderá a Alemanha esperar outro resultado que não seja o odio de muitas gerações que viverá por longos anos depois de terminarem as hostilidades? Se um caso destes fosse unico, seria possível esquecê-lo e explicá-lo como sendo acto dum fanatico ou dum louco. Porém este genero de crime tem-se repetido vezes sem conto e não é possível dar-lhe desculpa: crimes destes fazem parte da mentalidade do individuo. Os especialistas de doenças mentais saberão dar-lhe nome a esse estado mental que encontra prazer em infligir sofrimento moral. A causa da Alemanha não ganhou absolutamente nada com o assassinato desse patrão e muito menos ganhou com o acto nefando de obrigar o filho a presenciar a morte do pai.

Bem ao contrario. Exactamente como as pequeninas gotas de agua gastam com o tempo a rocha, assim tambem a repetição de incidentes desta ordem aumenta vagarosa porém infalivelmente o peso de odio que a Alemanha terá de suportar quando por fim chegarem os dias de paz. Saberá então o que é a vingança economica. Quem poderá censurar os que se servem dessa arma para vingar tais crimes. Perdoar aos inimigos será acto louvavel; ha quem fale do ensino biblico e das palavras de Cristo. Esquecem-se, porém, das muitas ocasiões em que o Cristo condenou em termos ásperos os criminosos e os ameaçou dum castigo merecido.

